

# Moratória retoma o espírito do populismo

RIO  
AGÊNCIA ESTADO

A ser verdade que os cariocas em 1889 assistiram "bestializados" à proclamação da República, no Campo de Santana, hoje reduzido a um inofensivo acampamento de lépidas cotias, não será menos verdade — pelo menos historicamente — que grande foi o susto pregado pelo presidente José Sarney quando anunciou na televisão que não iria mais pagar, por enquanto, a dívida externa, e portanto reclamava o apoio popular. O mavioso poeta dos "Maribondos de Fogo", embora capilarmente bem mais numeroso, foi esplêndido na sua imitação do general Galtieri, quando este declarou guerra à Inglaterra por causa das Malvinas. O festejado vate de "A Bicicleta", ainda inédita, foi perfeito ainda na sua moderníssima versão do velho caudilho da Bolívia, o "general" Melgarejo, a aquele que também declarou guerra aos ingleses, num arroubo etílico, e que nutria funda aversão por sua majestade a rainha Vitória, senhora de muitos mares e continentes na época.

Mas o Rio mesmo, desde os dias áureos do getulismo nacionalista, adora toda essa fauna de políticos mágicos e pícaros, do saudoso Barreto Pinto ao aposentado Pimpinela e ao explícito Imperial. Só foi pena que o presidente não terminasse a peroração com o tão esperado "o povo unido jamais será vendido". Frustrou todo mundo. Fica para a próxima, talvez. Enquanto isso, o povo vai afogando suas mágoas em desfiles e birnaites sucessivos, cada vez mais grave e pensabundo, sobretudo diante de tantas tolices e tropeças da Novíssima República. Se, pelo menos, o trabalho de elaborar a nova Constituição já houvesse começado...

Os que pensam que o povo brasileiro não sabe o que é uma Constituição estão redondamente enganados. Conhece, sim, e até sonha há muito com aquela proposta do velho Capistrano de Abreu, com um só artigo e um único parágrafo: "Todo brasileiro é obrigado a ter vergonha. Revoguem-se as disposições em contrário".

Essa de fato acabaria de vez com o eterno divórcio entre o Brasil "legal" (dos tecnocratas pedantes) e o Brasil "real" que os Ulysses nativos (e Ulysses vem do grego Odisseu, por sua vez gerador de odissenta...) teimam solenemente em ignorar, preconizando um socialismo pernóstico e ultrapassado.

Aliás, quando o sr. Ulysses Guimarães, mais para egípcio do que para grego, presidiu pela primeira vez a Câmara Federal, ainda sediada no Rio, notabilizou-se em dificultar a ação dos demagogos da época. Quem quisesse ocupar o "grande expediente" tinha que dormir nas frias escadarias do Palácio Tiradentes ou passar a noite bebericando ou valsando nos dançings da Cínelândia. A Câmara só abria às 8 da manhã, a fila de oradores era enorme, e quem pretendesse usar da tribuna tinha que suar e muito.

O falecido populista Carmelo D'Agostino, que sofria de incurável logoréa, dormiu mais de uma vez de terno e pijama por baixo, nas frias escadas da antiga Câmara. Era o rígido, duro "sistema" do Ulysses dantanho — quatro horas de frio mármoreo por um pronunciamento no "grande expediente". Bons tempos!

Agora, com o passar dos anos, nosso numeroso e afortunado doutor Ulysses tem vergado em tudo, quando outrora eribia no Tiradentes uma postura de venerável speaker dos comuns, só lhe faltando ostentar belo traje à moda Henrique VIII e erigir dos arautos que gritassem ao plenário e às borbulhantes galerias: "Forasteiros, tirai o chapéu!"

Depois da fragorosa derrota do "Cruzado", existem, no Brasil, somente 130 milhões de indivíduos que estão doídos, isto sim, mas é para apupar e com tremendo estardalhaço as tais "autoridades monetárias", além de expulsar de Brasília os que ali agora andam fantasiados de cambulha no bloco da "opção pelos sujos", aquela mesmíssima patota que só sabe sambar com gosto e à vontade à sombra do dinheiro das estatais e assim por diante.

Tinha razão assim certo ministro do general Geisel, que costumava repetir o seguinte: a tragédia do Brasil,

como de resto no mundo atual, é que a "informação" chegou às massas antes da "educação". Por essas e outras é que o marxismo continua sendo, ainda no Brasil, a derradeira novidade intelectual, produzindo na imprensa, no magistério, no clero, em toda a parte, legiões de "brontossauros" ideológicos, fanáticos do mantiqueísmo ou dualismo "esquerda-direita", esse binômio estúpido que já vai completar 200 anos de existência em 1989, quando então será lembrada a tal história das bancadas do Parlamento na Revolução Francesa.

Vai daí que todo gatato metido a intelectual e político no Brasil não quer outra coisa senão ser "socialista", quando menos de "centro esquerda". Ninguém quer ser da "direita", nem mesmo a chamada "civilizada", porque simplesmente a "direita" há muito sumiu do mapa ideocrático tupiniquim: os comunistas e seus aliados de sempre têm mantido viva essa falsa chama de que existe uma "direita" aqui e no mundo e que essa "direita" é a expressão sinistra do antipovo, nela inseridos o "capitalismo selvagem" e a "economia de mercado" — e vai em frente. Esse fantasma tem que ser mantido a qualquer preço, principalmente para meter medo aos que têm pavor de ser conhecidos como "reacionários e fascistas", etc.

Daí também a recente e modernosa e ridícula proposta do chefe da Casa Civil do governo Sarney, governo que também se diz de "centro esquerda", para que o PFL seja transformado num novo "partido socialista", o que está provocando as mais casquilhas risadinhas no guapo caudilho Leonel Brizola, que não ignora essa bastarda tendência entre os "liberais" comandados pelo general Ernesto Geisel (o "Grande Timoneiro", na expressão trônica do repórter Elío Gaspari).

A verdade é que não existe "direita" nenhuma no Brasil de hoje. O que há, de fato, é uma aliança antiga e altamente rendosa entre falsos "empresários progressistas" e que se afirmam também "nacionalistas", com os habilísimos malandros da tecnocracia gauche. E se tais negociatas são de "direita", então a "direita" vive solidamente aliada e bem nutrida pela radicália de "esquerda", duas vampiras a chupitar as estatais. Tais "empresários" podem, com a mesma cara dura, dormir hoje partidários da livre iniciativa, acordando amanhã cedo na qualidade de "comissários" de um Brasil soviético. Há quem duvide? Pois olhem em volta, espíem o que ocorre nos meios de comunicação e digam então se estamos exagerando.

Quanto ao socialismo no mundo, representa atualmente uma verdadeira catástrofe. Só quem não sabe disso é o dr. Maciel, talvez o dr. Aureliano e, certamente, o grande inspirador de todos os "liberais socialistas", Geisel.

Na Espanha, então, onde a palavra "ilusion" tem um sentido concreto, não de miragem ou sonho, mas de realidade viva, a coisa está de espantar. O jovem primeiro-ministro Felipe Gonzalez foi incapaz, recentemente, de impedir que piquetes de universitários depredassem fábricas, lojas e até centros de formação profissional. A "ilusion" socialista do ex-alegre Felipinho está indo por água abaixo. E quem conta é o ilustre jornalista do Ya, don Emílio Romero, ao revelar, há dias, que o chefe do socialismo espanhol é, hoje, uma sombra, uma caricatura do passado: sem a jovialidade de antigamente, irritado, cansado, destiludido, enfadado e até grosseiro. Não suporta mais sequer o protocolo oficial.

Nosso simpático asceta e lazareno pernambucano, dr. Marco Maciel, ilustre rebento do dr. José do Rego, grande amigo e correligionário do saudoso "democrata" Agamenon Magalhães, não estará trabalhando demais, entrando pela noite e madrugada adentro na burocrática porfia do Planalto? E já tão estressado, não estará ele confundindo visagem com a abismal "ilusion del socialismo" — aquela que promete apagar do homem não só o pecado original, mas o pecado social, e construir neste mundão de Deus um paraíso pra vigário nenhum da Mata, do Agreste e do Sertão botar defeito? Ou os "liberais" de Brasília já morreram e não sabem? N.M.